

# O QUE FAZER COM O QUE NÃO QUERO MAIS?

*Um guia para um guarda-roupas  
consciente, do começo ao fim*

*Cris Zanetti e Fê Resende da Oficina de Estilo  
com colaboração de Mari Pelli*

**OFICINA  
DE ESTILO**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(eDOC  
BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

Z28t

Zanetti, Cris.

O que fazer com o que não quero mais? Um guia para um guardar-roupa consciente, do começo ao fim / Cris Zanetti, Fê Resende; com a colaboração de Mariana Pellicciari. - São Paulo (SP): Oficina de Estilo, 2017.

37 p. : il. ; 11 megabytes

Formato: PDF.

Requisitos de Sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-85-5874-002-9

1. Moda - Estilo. 2. Vestuário. I. Resende, Fê. II. Pellicciari, Mariana.  
III. Título.

CDD-391



*Capítulo*

1

POR QUE É BOM A GENTE SE  
IMPORTAR COM O QUE SAI DOS  
NOSSOS GUARDA-ROUPAS

O  
DE

# O QUE A GENTE CONSOME É NOSSA RESPONSABILIDADE

Não é muito comum ouvir esse lado da história, num mundo em que as mensagens comerciais invadem nossas vidas dizendo que precisamos sempre de *mais*, sem muita preocupação com os impactos deste consumo. Mas o fato é que: tudo que acontece antes de um item chegar até os nossos guarda-roupas (às nossas vidas!), durante todo o tempo que a gente usufrui desse item, e o que acontece depois que ele deixa de nos servir é, sim, nossa responsabilidade.

São as nossas escolhas que financiam as condições de produção, a cultura do excesso e o descarte inapropriado. O processo da consultoria de estilo pode abrir espaço pra se fazer novos questionamentos e, especialmente, desenvolver novos critérios de escolha — também em relação à procedência das nossas roupas. Esse processo possibilita, por isso mesmo, exercitar um novo olhar pra aproveitar incrivelmente o que já se tem.

A idéia desse ‘guia’ é reforçar que usar o que já existe (da melhor forma possível) é importante demais, que existem muitas possibilidades pra garantir que isso aconteça até o fim da vida de cada peça de roupa e que é nossa tarefa cuidar para que nossas peças sigam sendo úteis depois que deixam de ser nossas.

Aqui listamos algumas alternativas pra fazer acontecer. Esse é um convite pra pensar de um modo diferente no que não quer mais: como itens que merecem ser respeitados e cuidados tanto quanto a gente sempre fez quando eles ainda tinham utilidade.



*A partir dessa leitura, é possível abrir espaço pra absorver e eventualmente se apropriar da responsabilidade de buscar a melhor forma das nossas roupas seguirem sendo bem aproveitadas — mesmo que a gente não possa/não queira mais aproveitá-las.*

## O QUE NÃO QUEREMOS MAIS NÃO SOME DO PLANETA

Na natureza não existe lixo. Já reparou? Quando você anda no meio de uma trilha ou observa uma floresta, não encontra saquinhos de plástico com folhas secas que as árvores não querem mais, esperando ser recolhidas pelo pessoal da coleta seletiva. As árvores absorvem os nutrientes das folhas que caem e **tudo que chega ao fim de seu ciclo, alimenta o começo de novos ciclos**. A folha caída vira adubo e não um material poluente que vai contaminar o solo é a água de onde as novas plantas irão buscar seus nutrientes. Quem criou este mecanismo tóxico de lidar com os rejeitos, fomos nós, seres humanos. Se hoje achamos normal empilhar toneladas de coisas em lixões, acredite, isso não é nada natural. No fim, tudo que não queremos mais deveria poder gerar vida e não destruição.

A linha de raciocínio da Economia Circular, leva a gente a se inspirar nesta lógica natural e pensar nos produtos de forma circular. Ou seja, ao chegar no fim da vida útil, o item pode ser ou reintegrado à natureza ou ser ressignificado e ganhar mais ciclos de vida. O manifesto da [Consultoria Flock](#), focado neste tipo de desenvolvimento de produto, resume bem esta questão: [O lixo é um erro de design](#). E amamos que tem cada vez mais gente pensando e se preocupando em desenvolver roupas (e outras coisas) assim. [Nesse TEDx](#) o Rodrigo Sabatini (do [Instituto Lixo Zero](#)), fala da mudança de olhar que faz com que a gente

pare de pensar em descartar e substitua este pensamento por encaminhar. Quando você encaminha, você coloca de volta no caminho. Dá um rumo. Quando descarta, inutiliza.

Partindo deste estado de consciência, não dá pra enxergar uma pilha de roupas que a gente não quer/não usa mais simplesmente como 'algo a ser descartado'. A gente pode fazer esses produtos sumirem de vista, mas eles não somem do planeta. O que sai como uma pilha de coisas inúteis do nosso armário sem tomarmos o cuidado para que sigam sendo úteis, continua sendo uma pilha de coisas inúteis, só que em outro lugar.

A decomposição de tecidos é um processo que pode levar de 6 meses a 400 anos. Os tecidos de origem natural, como algodão, linho, seda e lã, passam por esse processo de forma mais rápida, e os sintéticos, como o poliéster e suas variações, de forma beeeem mais lenta.

O que contribui para que a decomposição leve muito tempo é que uma grande parte das nossas roupas é feita de misturas dessas fibras -- e aquele algodão misturado a uma pequenina porcentagem de poliéster (não-natural) ganha muitos anos extras para se decompor. E mais: jogar tecido no lixo comum automaticamente mistura essas fibras com zilhões de outros materiais, em pilhas enormes de descarte que se decompõem lentamente, liberando resíduos químicos durante tooodo esse processo. :(

*Então é **essencial** gravar: roupa que a gente não quer mais não é lixo!*

# MAS E RECICLAR? NÃO ROLA FAZER COM AS NOSSAS ROUPAS?

Uma pena: a reciclagem de tecidos não é uma alternativa viável. Tecnicamente, a mistura das fibras nas roupas inviabiliza bastante a reciclagem de tecidos. E por mais que existam diversas tecnologias sendo estudadas, nenhuma ainda está disponível em escala industrial. Principalmente no Brasil.

Já reparou que nos lixos de coleta seletiva não existe a opção 'tecidos'? Não existe coleta justamente porque não é fácil encontrar o que fazer com esse material. Mesmo que a [recomendação oficial](#) seja enviar itens a serem reciclados para os pontos de coleta, o destino que estes materiais recebem nem sempre são os ideais. Cada prefeitura local é responsável por dar o destino correto a esses produtos mas, na maioria dos casos, esses materiais são (no máximo) incinerados com aproveitamento de energia. A gente pode e deve cobrar as empresas e governos para incentivarem o desenvolvimento de tecnologias que dão conta do lixo produzido por nós, para que possam fazer esta destinação de uma maneira melhor. Mas não é o caso de ficar de braços cruzados até a solução chegar. A gente tem poder (mesmo que individualmente!) pra agir e encontrar soluções pra esse problema.

## PARA ALÉM DA RECICLAGEM

Num mundo ideal, o que não nos serve mais e não serve a outros em seu estado atual, ainda sim não vira lixo e pode ter três fins.

*Ser desconfigurado para virar o mesmo produto de sua matéria prima original (recycling/reciclagem),*

*Ser reconstruído a partir de seu estado atual, melhorado e assim ser transformado num produto de maior valor agregado (upcycling),*

*Ser desconfigurado e transformado num produto mais barato e de menor vida útil (downcycling).*

Quando a gente enxerga esses três caminhos possíveis, fica mais fácil de entender algumas das dificuldades de reciclar tecidos. Pensa na diferença dos processos de reciclagem: quando o plástico é destruído e derretido, volta a ter características bem próximas de sua matéria prima original e pode ser remoldado num outro item mais facilmente! Tecido não: as fibras precisam ser arrebitadas (no processo de desfibração) pra voltar a ser plumas que voltariam a virar linha -- mas por conta dessa desfibração, a condição original de resistência dificilmente é preservada. No Brasil, a [EcoSimple](#) é uma das poucas empresas (se não a única), que tem conseguido desenvolver tecidos reciclados, porém só conseguem fazer a partir de sobras industriais de um tipo de tecido. Ou seja, não é possível acessá-los para que eles reciclem nossas roupitchas.

Se a gente aplica o mesmo raciocínio dos fins possíveis para os materiais descartados (sem virar lixo!) ao universo das roupas, temos essas possibilidades:

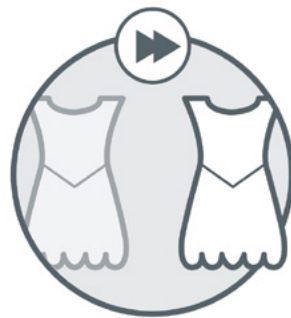


# FORMAS DE ESTENDER O CICLO DE VIDA E USO DE UMA PEÇA



#PraCegoVer - Ícone de uma camiseta que pode se transformar em um vestido.

*Transformá-la e/ou consertar seus defeitos, melhorando seu estado atual.*



#PraCegoVer - Ícone de um vestido que pode ser repassado.

*Passá-la para frente sem a necessidade de passar por transformações no seu estado atual.*



#PraCegoVer - Ícone de uma camisa que pode se transformar em pequenos pedaços de tecido.

*Desconstruí-la para que se torne um item que não seja de vestir ou que se torne um subitem.*

A partir dessas idéias gerais e dessas possibilidades, a gente pode repensar as nossas práticas.

Capítulo

2

QUAL O MELHOR DESTINO  
PARA AS NOSSAS PEÇAS?

O  
DE

# UM COMEÇO

Numa revitalização de guarda-roupa é bem possível que a gente selecione peças com possibilidade de passar por ajustes ou reformas pra que elas ganhem novos usos e vida útil estendida.

É possível também que a gente enxergue excessos e separe uma pilha de roupas que não fazem diferença, que não precisam mais estar no guarda-roupa. A gente pode fazer uma triagem dessas peças pra separar alguns futuros destinos:

- Vender
- Trocar
- Doar
- Reutilizar
- Devolver ao fabricante

Definir qual desses destinos é o mais apropriado tem a ver com perfil de personalidade, sua própria rotina e o estado da peça. Tem aqui um questionário que pode ajudar a clarear caminhos e direcionar escolhas pra encaminhar as suas peças.

Diante de uma pilha de roupas pra que não se quer mais, essas perguntas podem ajudar na prática e também podem fazer refletir, despertar mais conhecimento sobre a gente mesma. Não tem resposta certa, mas as respostas mais honestas podem render práticas (de vida!) mais satisfatórias. :)



# CHECK UP DO DESAPEGO

Ao responder essas perguntas, você vai ter mais clareza pra lidar com as roupas que não quer mais, analisando melhor o estado delas e também levando em conta suas habilidades, tempo, propósitos e disposição de encaminhá-las.

## ***1. Estado da peça***

- a) A peça está em boas condições? Está sem furos, sem fios puxados, sem faltar botões, sem manchas e limpa?
- b) Se a peça não pode ser usada como está, é possível aproveitar características interessantes dela em outros objetos? a estampa vale a pena? tem algum detalhe ou aviamento incrível?
- c) Se a peça precisa de consertos ou transformações pra que seja usada por outra pessoa, você pode fazer ou providenciar?
- d) Se a peça não tem condições de ser usada e nem detalhes interessantes, é possível fazer o downcycling em casa? poderia virar pano de limpeza, pano de chão? fundo de vaso ou algum tipo de uso como esses?

## ***2. Perfil de personalidade***

- a) Trabalhos manuais fazem parte do seu dia-a-dia?
- b) Você gostaria de incluir trabalhos manuais no seu dia-a-dia, mesmo que por hobby?
- c) Você sabe costurar?
- d) Você gostaria de aprender a costurar?



e) Você tem equipamentos de costura em casa?

f) Você poderia usar a máquina de costura de alguém?

### ***3. Propósito e disposição***

a) Quanto você está disposta a rever hábitos de consumo, incluindo a preocupação com o encaminhamento do que não quer mais?

[ ] Totalmente disposta: entregaria pessoalmente os itens e faria eu mesma os ajustes necessários.

[ ] Tenho intenção, mas não gostaria/poderia me envolver totalmente no processo - preciso de ajuda na execução e logística.

b) Você tem expectativa de ter algum retorno (financeiro ou não) em troca das suas peças? Ou tem vontade de passar pra frente sem esperar nada de volta?

c) Você conhece pessoalmente quem poderia receber as suas peças como doação?

d) Entre familiares e amigas, tem alguém que tenha a cara do que está saindo do seu guarda-roupa?

e) Você defende alguma causa social ou participa de algum coletivo?

f) Você tem envolvimento com alguma instituição social ou coletivo de forma mais próxima?

g) Você tem disposição pra ter um contato mais próximo com o novo destino que pode ser dado às suas peças?

*Capítulo*

# 3



O QUE A GENTE PODE FAZER COM  
AS ROUPAS QUE NÃO QUER MAIS?



O  
DE



# A GENTE PODE TROCAR ROUPAS

A troca tem ficado cada vez mais popular e indo além das rodinhas de trocas entre as pessoas mais próximas. Uma alternativa que não mexe com dinheiro, e traz vantagem pra todas as envolvidas. \o/

Quando a gente usa bastante o que tem, é natural ter vontade de atualizar, de buscar coisas novas -- isso pode rolar com um novo olhar para o que já existe, sem precisar ser algo 0 km. Em encontros de trocas a gente volta pra casa com várias peças usadas que se tornam novas nos nossos armários.

Essa é uma ótima opção para aquelas peças que estão em boas condições. E para as que não estiverem, se houver disposição, vale fazer pequenos ajustes e limpeza antes de levá-las para trocar.

*Regra universal da boa trocadora: Só leve para trocar o que estiver pronto para ser usado por outra pessoa. Combinado?*



#PraCegoVer - Grafismos representando baixa intensidade.

## ***Opção de troca pra quem tem menos disposição***

Você pode trocar entre irmãs, primas e tias, entre amigas, entre pessoas que frequentam nossas casas ou entre colegas de trabalho. Mesmo que essas trocas acabem já rolando naturalmente, a gente sempre pode dar uma forcinha para acontecerem de um jeito mais legal, organizado e gostoso. Convide as amigas e conhecidas para um encontro especial na sua casa, salão do prédio ou outro espaço que caibam todas vocês

confortavelmente. Organizem-se para levar comidinhas e outros atrativos. Aproveitem a oportunidade de estar junto e tenham um momento gostoso enquanto trocam entre si. Vale conferir [o relato das meninas do Blog Meia Lua Inteira](#) sobre os encontros intimistas que elas organizam.



#PraCegoVer - Grafismos representando média intensidade.

### *Opção de troca pra quem tem média disposição*

Participar de encontros de troca organizados por outras pessoas pode expandir nosso campo de possibilidades e fazer com que a gente consiga acessar peças que estão fora da nossa rede próxima. Ou seja, mais novidade ainda!

A dica é sempre conferir antes qual é o esquema da troca que vai rolar no encontro e se preparar antes. Separe a quantidade de peças com antecedência e também reflita sobre que tipo de peça gostaria de levar para casa. Não tem como garantir que a gente vai descolar exatamente o que precisa no encontro de trocas, afinal a surpresa faz parte da experiência. Mas com um foco definido, assim como nas compras, fica mais fácil encontrar algo que realmente vamos usar depois. **Afinal, de que adianta trocar e seguir tendo no armário um monte de peças sem uso? Não vale né?**

Em São Paulo tem o [Leve de Vestir](#), [Trocaderia](#), [Trocaí](#). No Rio (e também em SP) tem o [Projeto Gaveta](#) e a [Lucid Bag](#). Em Campinas as meninas do [VID](#) também organizam um clube de trocas e em Recife a Mari do [Ateliê Ourela](#). Para ver uma lista sempre atualizada, dá uma olhada na [categoria “Onde Trocar” no Mapa da Mina](#).



Existem também plataformas online que viabilizam trocas à distância: o [Roupa Livre App](#) (que funciona como um Tinder de roupas) pra celulares e tablets e o [Trocaria](#) que abre direto no desktop.



#PraCegoVer - Grafismos representando alta intensidade.

### ***Opção de troca para quem tem super disposição***

Que tal organizar o seu próprio encontro, aberto ao público? O convite se estende a mais gente do que o seu círculo próximo de amizades e a gente é quem cria a oportunidade de expandir as possibilidades de troca.

### ***Passo a passo para organizar um encontro de trocas***

#### ***1. Encontre parceiros***

Esta etapa não é obrigatória, mas pode deixar tudo mais leve e divertido. Nossa sugestão é reunir mais gente para organizar o encontro com você. Dividindo tarefas, cada um faz um pouquinho e fica bom pra todos. Se ninguém da sua rede próxima topa, poste a sua intenção de fazer o encontro no facebook, nos grupos de whatsapp ou conte para as pessoas e logo alguém se anima para fazer junto.

#### ***2. Crie o encontro***

Defina a data e o local: o encontro vai rolar no seu quintal ou no salão do prédio? Vai ser num espaço público? (Vale conversar num café ou restaurante que tenha espaço legal pra receber o evento, de preferência com localização de fácil acesso -- tem tanto lugar ocioso e com potencial, e tanto dono de estabelecimento querendo abrir portas pra

novos públicos!). E, se for o caso, defina um nome pro seu evento, pra que o convite fique ainda mais atrativo para as pessoas.

### ***3. Defina como quer que rolem as trocas***

Quanto mais livre for o formato das trocas, menos quem está organizando terá o trabalho de intermediar. Porém, terá menos garantia da curadoria das peças. Não tem melhor nem pior, é uma questão de escolha. Importante depois de definir a modalidade é avisar os convidados! Existem os seguintes formatos:

*Desapego total* - Os participantes chegam e deixam as peças expostas. A partir daí qualquer um pode pegar qualquer peça. O que sobra é encaminhado depois.

*Por equivalência* - Define-se quanto “vale” cada tipo de item. Ex. Calça 2 e Blusa 1. Com base nessa tabela são distribuídas fichas, a moeda do evento, em ordem de chegada e de acordo com o tipo de peça. Com o crédito que tiver, cada participante escolhe as peças que quer levar pra casa. O trabalho principal do organizador é o de receber as peças na entrada do evento, entregar as fichas equivalentes e na saída receber as fichas em troca das peças retiradas.

*Com curadoria* - O organizador recebe as peças antes e escolhe previamente o que vai estar disponível no dia e o que será doado. No dia, a troca acontece no mesmo esquema das moedas, cada participante recebe um vale equivalente as peças que entregou anteriormente.

*Trocas livres* - Os participantes recebem as instruções de limite de peças para levar no dia e o resto é com eles. Cada um define como vai fazer sua troca e quais critérios usará. Nesse esquema é bom ter banquinhas ou mesas para cada um expor suas peças e também ver as dos outros.

**Atenção:** no formato de troca com curadoria ou por equivalência as chances de o evento terminar com sobras de peças é grande. Vale pensar antes no que pode ser feito com esse excedente e utilizar a mesma lógica deste guia para facilitar o encaminhamento.

#### ***4. Convide as pessoas***

É preciso divulgar e convidar as pessoas. O ideal é fazer isso com pelo menos 2 semanas de antecedência, avisando o que precisam trazer e como vai funcionar o esquema de trocas. Lembre-se: quanto mais gente, mais trocas. Então vale o esforço de divulgar bastante! Com flyers, nas suas redes sociais e num email para a sua lista de contatos, num evento criado no facebook, no elevador do prédio e nas salas da faculdade.

#### ***5. Separe suas coisas + oriente os participantes***

O que pode ser trocado é: o que está em bom estado, que pode ter vida longa e uso estendido, mas que não tem sido usado há um ano ou mais (por exemplo). E repasse essa orientação aos participantes convidados. ;-)

#### ***6. Monte o espaço e faça o encontro acontecer***

Chegue algumas horas antes no espaço pra montar o que for necessário para o encontro acontecer. Organize as mesas, os bancos, as araras ou o que for definido como apoio, estruture o espaço de circulação das pessoas entre esse apoios, espalhe cartazes com as regras de troca pelo espaço, equipe os banheiros com papel higiênico e sabonete, pense onde ficarão os petiscos e bebidinhas se for o caso. Ao fim do encontro, certifique-se de que todo o lixo foi recolhido e que as peças que sobraram sejam guardadas para serem encaminhadas.

## ***7. Siga trocando***

Principalmente se o evento for no formato de trocas livres, algumas coisas talvez não sejam trocadas: elas podem ir direto pras opções de troca online ou encaminhadas como sugerido nas outras dicas desse guia. Importante é não re-guardar tudo no armário e ficar sem usar por mais um ano.

## ***8. Compartilhe a experiência***

Tire fotos do encontro, das coisas que trocou, compartilhe e incentive todo mundo a compartilhar também. Converse sobre essa experiência. Isso pode contagiar mais pessoas a começar a trocar também -- um outro jeito de consumir, diferente do que a gente vem tipicamente fazendo: mais barato, mais social e que ainda faz bem para o mundo.

Uma outra iniciativa possível de se articular é um Armário Coletivo. Um tipo de projeto que cria centrais de troca de coisas doadas (roupas, sapatos, bolsas, acessórios), que são geridos pela própria comunidade, promovendo seu desenvolvimento sustentável.

# A GENTE PODE VENDER/ALUGAR ROUPAS

Ótima opção pras peças que estão em melhor estado, quase sem uso ou com boa qualidade. Vender peças em lojas de segunda mão e brechós (virtuais ou físicos) rende um dinheirinho e ainda incentiva esse “mercado extensor de vida útil das roupas”. :)

As bibliotecas de roupa são uma outra opção, onde é possível alugar peças para usar por um determinado período ou até num esquema



Netflix, com assinaturas mensais que dão direito a usar várias peças diferentes a cada mês. Antes, alugar era só pra festas -- agora essas bibliotecas ampliam o aluguel pra peças de todo dia, pra fim de semana ou pra trabalho.

E, pra gente que está aqui pensando em como encaminhar nossas roupas :) a boa notícia é que esses armários coletivos também recebem coisas consignadas e a gente recebe uma parte do aluguel das nossas peças. Aquela roupa parada rendendo uma graninha de tempos em tempos, que tal?



#PraCegoVer - Grafismos representando baixa intensidade.

### ***Opções para vender ou alugar para quem tem menor disposição***

Quando a gente entrega peças para um brechó em consignação, em geral pode receber na medida que as vendas são realizadas (tipicamente por mês), ou vender todas as peças de uma vez ao brechó e receber dinheiro na hora. Cada brechó funciona de um jeito e é bom checar isso antes de sair de casa com uma malona de roupas para levar até lá: muitos brechós só olham peças com horário agendado previamente, e alguns deles exigem um número mínimo de peças, viu.

Quem não conhece um brechó por perto, pode procurar no [Mapa da Mina](#) a categoria brechó por região e descolar opções. E quem conhece algum brechó que não está listado por lá, pode cadastrar e ajudar outras pessoas a encaminhar seus desapegos.

Para disponibilizar suas roupas aluguel, existem armários coletivos surgindo por todo o Brasil. A pioneira [Lucid Bag](#) já está com sedes em São Paulo e no Rio e promovendo armários temporários em vários

eventos em outras praças. O [Roupateca](#) em SP tem endereço físico, o [Compartilhe Roupas](#) tem no Rio e em Floripa tem a [Same no More](#).



#PraCegoVer - Grafismos representando média intensidade.

### ***Opções para vender ou alugar para quem tem média disposição***

Imagina montar sua lojinha online em plataformas que já tem uma estrutura completa de venda. Isso quer dizer: essas plataformas cuidam da impressão de etiquetas de envio, sistemas de pagamento e saques de créditos. O [trabalho principal](#) é o de tirar boas fotos das peças, descrever os produtos e publicar - tem que ter disposição também pra atender as freguesas :) fazer negociações, tirar dúvidas e ir aos correios enviar. O resultado é uma graninha extra, já que mesmo pagando as taxas das lojas online, tipicamente o valor que fica pra quem vende é maior do que o que os brechós tradicionais costumam pagar. Algumas plataformas online focadas na venda de roupas de segunda mão são o [Enjoei](#), o [Repassa](#) e o [Trocaria](#) - que além das trocas, também possibilita vendas por lá. (Existem plataformas especializadas em vendas de segunda mão para as roupitchas dos pequenos: [Espichamos](#) e [Segunda Mãozinha](#), por exemplo).

Também é possível vender em plataformas não focadas em roupas, tipo [Tradr](#), o [Skina](#), o [Mercado Livre](#) e a [OLX](#). A desvantagem é que elas em geral não têm a estrutura de venda completa (não fazem a etiqueta dos

correios automaticamente ou não interferem no pagamento). A vantagem é que as taxas são bem mais baixas.



#PraCegoVer - Grafismos representando alta intensidade.

### *Opções para vender ou alugar para quem tem super disposição*

Participar de eventos presenciais de venda: montar sua própria lojinha, na vida real, e então divulgar, montar as araras, atender interessadas, fazer as vendas, administrar os pagamentos. Em eventos presenciais todo mundo tem a chance de conseguir fazer mais vendas e num dia só (ao invés da venda on-line, em que as peças ficam expostas esperando ser vendidas). Uma desvantagem é ter que esperar um evento desses ser organizado para participar, e eles tipicamente acontecem com menos frequência do que os de troca. Tem aqui dois exemplos: o [Mercado da Minhoca em SP](#) e o [Desapego Coletivo](#) em Florianópolis - mas né, vale prestar atenção na agenda da sua cidade.

## A GENTE PODE TRANSFORMAR E CONsertar AS ROUPAS

Essa é uma alternativa que pode fazer com que a gente se re-apaixone por peças que iam sair das nossas vidas. O que indica potencial pra consertar ou transformar é a [qualidade da peça](#) - que a gente identifica no material de que ela é feita, no seu acabamento e no seu caimento.

Roupas novas são tão baratas e de fácil acesso que às vezes não parece vantajoso consertá-las quando rasgam ou estão desajustadas ao nosso tamanho. Mas quando a gente passa a enxergar todo o impacto

de produção de algo novo, pode ser descabida a idéia de que algumas roupas estão sem uso por falta de um ajustezinho.

Quando uma peça passa por ajustes ou reformas, no lugar de descartar o que rola é a valorização do trabalho das pessoas e um respeito com o meio ambiente -- uma nova relação com a roupa acontece. [Consertar ou transformar significa cuidar](#). E cuidar é amor.

Antes de escolher a forma de lidar com os ajustes e reformas das roupas, é legal ter em mente que:

- *Ajuste* é o que adapta a peça à anatomia específica de quem usa, o que melhora a performance da roupa no corpo de quem vai vestir, o que é manutenção (consertos de pequenos rasgos, manchas, defeitos, costuras desfeitas, falta de botões... sem que as características originais da peça sejam modificadas).
- *Reforma* é qualquer modificação que modifique o design da peça ou que interfira no trabalho intelectual da/o estilista ou da marca.
- *Transformação* é quando uma peça vira outra coisa que não é a peça original: uma almofada, um estojo ou uma nécessaire, uma peça de decoração numa moldura, uma sacola ou uma peça totalmente diferente de como ela era antes.

É bom pensar sobre o que se quer fazer com cada peça -- definir um



diagnóstico -- para entender até onde é possível fazer o que for preciso sozinha, com as próprias mãos, ou que tipo de ajuda a gente pode precisar.



#PraCegoVer - Grafismos representando baixa intensidade.

### ***Opção de ajuste / reforma pra quem tem menos disposição***

Não é preciso ter habilidades manuais super desenvolvidas ou treinadas para cuidar das suas peças: é possível contratar ajuda de costureiras ou dos profissionais das lojinhas de consertos das alamedas de serviço dos shoppings.

(A opção mais legal de tooodas é sempre procurar costureiras independentes, sapateiros do bairro, pequenas oficinas de consertos de bijuteria. Com tanta informação sendo compartilhada sobre abusos que esses incríveis profissionais sofrem trabalhando para as grandes marcas, a melhor maneira da gente se responsabilizar pela melhoria da condição de trabalho dessas pessoas é cortar intermediários e fazer encomendas diretamente a eles. Mas não é menos importante cobrar as marcas para que cuidem melhor de quem trabalha para elas.)

Pode ser que existam profissionais no bairro, bem pertinho, e é possível localizar profissionais que atendem em domicílio (e que podem ter [visitas periódicas agendadas](#), imagina?). Um auxílio pra conhecer profissionais por localidade é o [Mapa da Mina](#).

Para transformações mais radicais, existem especialistas no assunto. No RJ tem o trabalho da Gabi Mazepa do [Re-Roupa](#), e em SP tem as meninas do [Desguardaroupa](#) e a Loja-Ateliê [Ludí Roupa com História](#): todas elas tem conhecimentos técnicos de modelagem e construção das

roupas pra avaliar possibilidades e sugerir idéias pra cada peça. Tem também especialista pra transformar sapatos, bolsas, bijuterias e até jóias.



#PraCegoVer - Grafismos representando média intensidade.

### ***Opção de conserto / transformação pra quem tem média disposição***

Quem já tem habilidades pode demais fazer transformações e consertos com as próprias mãozinhas, e não precisa saber tudo pra fazer acontecer: o Youtube tem tutoriais pra ensinar a fazer quase tudo que a gente procura. Nessa [playlist de vídeos](#) tem várias dicas facilitadoras para fazer ajustes, e tem também os tutoriais do site [I Fix It](#) que está em inglês mas com as imagens fica bem fácil entender.

Podemos pensar em roupas sem uso como tecidos: descosturadas, essas peças viram um universo de possibilidades -- em forma de outras peças de roupa ou mesmo com outros usos que nem sejam pra vestir, tipo objetos funcionais ou de decoração. O processo de olhar para as coisas como possibilidades vira exercício quando a gente precisa de algo e, antes de fazer compras, se pergunta: "será que eu consigo fazer com o que já tenho?". Quanto mais a gente pratica esse exercício, mais a gente consegue responder que sim!



#PraCegoVer - Grafismos representando alta intensidade.

### ***Opção de conserto / transformação pra quem tem super disposição***

Quem quer assumir responsabilidade e fazer os próprios consertos ou

transformações pode fazer cursos e oficinas de costura pra aprender técnicas específicas, e também pode usar máquinas de costura compartilhadas em espaços coletivos.

Pra começar a explorar possibilidades de cursos e oficinas de costura, tem o [Ateliê Costurando](#), [A Costureirinha](#) e o [Ateliê Vivo](#). Quem quer aprender sem sair de casa pode conhecer canais de Youtube que funcionam como escolas online, como [Karina Belarmino](#), [Roupa Refeita](#) e [Suellen Redesign](#); ou procurar livros como o [Costura para Leigos](#).

### ***Kit SOS Costura***

Tem no blog da Oficina um passo-a-passo pra montar um [kit de primeiros socorros](#) de roupas, com itens para ter sempre a mão na hora de fazer manutenções simples. Além do que tem lá, um kit completo e suficiente pra fazer pequenos ajustes em casa pode ter:

- tesoura para tecido
- kit de agulhas
- almofadinha para agulhas e alfinetes
- linhas de cores básicas: branca, preta, bege e marinho
- fita métrica
- botões variados e botões de pressão
- pedaços de elástico

Para o caso das transformações em que a gente acrescenta elementos às roupas, é bom ter nesse kit alguns tecidos: eles podem ser sobras de outros ajustes ou peças que não tem conserto (em especial as feitas em tecidos que a gente goste muito). Esse pode ser um bom novo hábito para se criar e desenvolver <3 guardar pedacinhos de tecido para eventuais

transformações ou cerzidos. Esses pedaços valem como moeda de troca no [Banco de Tecido](#) em SP, um espaço com cortes de materiais que sobram nos estoques de confecções, artistas e artesãos.

## O QUE FAZER COM O QUE NÃO DER PARA TRANSFORMAR, AJUSTAR OU CONSERTAR

Fins possíveis para os materiais que não queremos mais (sem que eles virem lixo!) são: melhorar a peça (upcycling), repassar a peça do jeito que está ou transformar essa peça num objeto de menor valor (downcycling). Geralmente o downcycling é último recurso que antes do final MESMO da peça. É possível fazer com ajuda de alguém ou fazer nós mesmas, com as habilidades que já temos ou com as que ainda vamos conquistar. A diferença de downcycling e de ajustes/reformas é a amplitude de idéias: nossas roupas, sem as costuras e os aviamentos, são tecidos. E com um tecido assim, a partir do zero, as possibilidades são infinitas.

Retalhos pequeninos podem virar:

- [forro de botão](#)
- enfeites de cabelo
- enfeites em [potes de vidro e outros objetos do tipo](#) (reaproveitamento em dobro)
- quadros (no caso de estampas lindas)
- objetos feitos em tricô de fio de malha (alguns tutoriais [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#))

Peças mais podrinhas, sem graça ou bem destruídas podem virar [panos de limpeza ou de chão](#). Outras sugestões mais criativas são:

- [enchimento de almofadas](#)
- material de [drenagem para vasos de plantas](#)
- [próteses de mamas externas](#) feitas com meias-calças

## O CASO DAS PEÇAS SEM CONDIÇÕES DE USO

Aqui no Brasil, de acordo com a [Política Nacional de Resíduos Sólidos \(PNRS\)](#), nós, consumidores, somos responsáveis por dar fim adequado às nossas roupas e sapatos. Mas a PNRS também responsabiliza as empresas pelo pós-consumo de seus produtos, ou seja, na teoria a gente poderia levar um item no fim da vida útil dele de volta pra onde comprou/pra onde foi fabricado, e essa mesma empresa deveria dar o destino correto a ele.

Algumas marcas brasileiras recolhem produtos de volta com intenção de recolocá-los no ciclo de produção, como:

- Havaianas: recebem os produtos nas lojas para serem reciclados em produtos novos.
- Puket: recolhem meias que seriam descartadas no projeto [Meias do Bem](#). Vale conferir quais lojas são ponto de coleta.

Os exemplos de marcas que abertamente recebem as peças de volta são poucos, então não é o caso de se esperar que as soluções venham exclusivamente daí -- pelo menos não ainda. Por enquanto as melhores possibilidades estão acontecendo fora das empresas (como listamos aqui nesse guia).

Levar esse problema até às marcas/lojas/fabricantes quando a peça chegar ao fim do fim da vida, pode ser um jeito de as marcas começaram

e se puxar para desenvolver soluções.

Um caminho pra que isso comece a mudar pode partir da gente: é possível conversar com vendedoras e gerentes das marcas e lojas em que fazemos compras, pra que elas saibam que essa preocupação existe, e pedir que elas repassem esses questionamentos nas suas convenções internas. É possível também enviar emails para os SACs disponíveis nos sites de compra online.

É bom (antes mesmo de comprar qualquer coisa) saber das marcas e empresas se elas possuem procedimentos de logística reversa, ainda no balcão de pagamento. No caso de produtos já comprados, é possível ligar nos telefones disponíveis nos sites pra atendimento ao consumidor e perguntar sobre esse recebimento de volta no fim da vida útil das peças.

## E, POR FIM, A GENTE PODE DOAR AS ROUPAS

Tipicamente a primeira coisa que vem à mente quando a gente pensa em descarte é: doação. Mas doar roupas não é a mesma coisa que "se livrar" dessas roupas. Roupas de doação tem que ter a mesma dignidade que as roupas que a gente usa -- o próprio parâmetro pessoal pode direcionar a avaliação das condições do que se doa. Antes de encaminhar quaisquer itens para doação, a gente pode se perguntar: eu mesma usaria esses itens?

E então partir para a seleção do que está pronto para ser doado e do que precisa de reparos ou limpeza. Se tem algum furo, mancha ou parte quebrada, se está descosturado, lascado ou sem botão... é possível promover pequenos consertos e só então repassar a doação? Ou: se está



sujo, é possível limpar, lavar, passar, preparar a entrega com dignidade?

Não é preciso doar apenas itens novos, mas é bom lembrar que doação de itens danificados (ou não-funcionais) significa repassar um problema. E ó, essa nossa lógica de simplesmente doar peças que não queremos pra "alguém que precisa", [sem fazer muitos questionamentos](#), pode não estar fazendo tão bem assim.

Importante demais é manter em mente que qualquer doação demanda algum tipo de envolvimento com quem vai receber o que é doado. Se a gente separa uma sacola de peças de roupa e sapatos pra doar pra uma prima, é natural pensar na numeração que a prima usa, no tamanho do pé, no tipo de trabalho e se as peças vão ter utilidade ou não na vida da prima. O mesmo precisa acontecer se a doação vai pra uma ONG ou instituição que repasse doações: o que essa ONG faz com o que a gente doa? Pra quem essas peças servem?

O que vem acontecendo de verdade com o que é doado sem envolvimento ou atenção [virou polêmica nos Estados Unidos e na Europa](#) há algum tempo. Por lá as instituições que recebem as doações acabam tendo que repassar seus excessos, por causa da enorme quantidade de doações recebidas. Uma parte dessas peças acaba indo para [depósitos na Ásia e na África](#) (num caminho pouco claro) e isso é bem prejudicial pras economias locais. E mesmo que a gente não tenha conhecimento sobre um cenário como esse aqui no Brasil, é possível questionar nossa responsabilidade pelo encaminhamento das peças a partir dessas informações.

### **Referências extra pra ampliar a reflexão sobre a doação**

- [Mini-documentário UNRAVEL](#) (14 minutos), que mostra o trabalho de mulheres indianas descosturando peças descartadas por pessoas de países ocidentais.

- Série de reportagens do jornal The Guardian sobre o mercado de peças de 2ª mão (e sobre como ele pode destruir a cultura local): reportagens [1](#) e [2](#).
- [Livro Clothing Poverty](#), que mostra o universo escondido do mercado de 2ª mão ao redor do mundo.



#PraCegoVer - Grafismos representando baixa intensidade.

### ***Opção de doação para quem tem menor disposição***

Mesmo que a gente só encaminhe sacolas de coisas pra doar (pra pessoas ou pra instituições) é preciso ANTES entender as necessidades de quem vai receber essas doações. As coisas vão ser repassadas pra que tipo de pessoas? (Mulheres, homens, jovens, crianças, pessoas procurando recolocação no mercado de trabalho, pessoas em situação de rua...?) Ou as peças são vendidas em bazares e a renda revertida para quem cuida da instituição/do projeto?

Doar pra quem a gente já conhece é a opção que gasta menos energia, sejam pessoas ou instituições. Quem não tem relacionamento com qualquer instituição que receba doações (nem por indicação de conhecidos ou por proximidade no bairro), pode consultar a plataforma [Atados](#) que reúne online uma lista de quem sempre precisa desse tipo de ajuda.



#PraCegoVer - Grafismos representando média intensidade.

### ***Opção de doação pra quem tem média disposição***

Que tal se envolver, conhecer o propósito da instituição pra quem vai a

doação e visitar a sua sede? É possível ligar, agendar uma visita e entregar pessoalmente o que vai ser doado, dedicar tempo e se voluntariar na sessão de triagem das peças recebidas, nas tarefas de distribuição ou vendas. Vínculos podem ser criados <3 quando se encontra uma instituição que atue em uma causa social que toca o coração.



#PraCegoVer - Grafismos representando alta intensidade.

### *Opção de doação para quem tem super disposição*

Quem quer se engajar ainda mais no encaminhamento das doações, pode articular projetos como o [The Street Store](#). As Street Stores são “lojas” ao ar livre, montadas em locais públicos, por um determinado período, onde as roupas (na maioria dos casos doadas) estão disponíveis gratuitamente para quem não tem como comprá-las. Os novos donos das peças doadas escolhem as suas peças com mais autonomia, experimentando, se olhando no espelho e podendo optar por aquelas que eles realmente querem. Para muitos, uma oportunidade rara. O fantástico nas Street Stores é que elas promovem uma lógica de doação que além de transferir um bem a uma pessoa que não teria acesso, dá a ela poder de escolha. Um pequeno detalhe, mas que muda toda a relação.





SEGUIMOS  
JUNTAS \o/



# UFA!

A gente mesma não imaginava que ia conhecer tantas idéias e reflexões ao estudar as possibilidades de encaminhamento de roupas: nossas cabeças estão borbulhando de idéias e ainda assim temos tantas dúvidas! Por aqui, seguimos no nosso ritmo pra tentar incorporar essas novas atitudes ao poucos. Esse guia pode, então, ser usado como um cardápio em que é possível escolher uma coisa de cada vez pra botar em prática, experimentar, sem (auto)cobrança ou ansiedade. Não parece ser fácil - mas certamente não é impossível e os resultados são muito positivos.

<3

## **Créditos**

Esse ebook foi criado com o apoio do [Daniel Larusso](#). Ele e a [Mari Pelli](#), juntos, dão vida a projetos de comunicação digital pelo [Hell Yeah](#). E a Mari, além disso, articula o [Roupa Livre](#), projeto que propõe um olhar mais carinhoso e afetuoso para as roupas que nos vestem -- seja pensando de onde elas vieram ou para onde vão.

As imagens usadas aqui vieram do [The Noun Project](#) ou foram produzidas pela [Oficina de Estilo](#).

### **Direitos autorais e reprodução**

O conteúdo integral desse nosso livro é protegido pela Lei nº 9.610/98, mantendo todos os nossos direitos reservados. É permitida a cópia parcial ou total **desde que a gente autorize o previamente** e por escrito. Se você quiser citar alguns trechos do livro em textos **que não tenham fins comerciais**, não precisa da autorização escrita -- desde que o conteúdo reproduzido não seja editado (sem a nossa aprovação) e que indique já no início da citação o nosso endereço eletrônico ou arroba de referência ([www.oficinadeestilo.com.br](http://www.oficinadeestilo.com.br) ou @oficinadeestilo nas redes sociais + [www.roupalivre.com.br](http://www.roupalivre.com.br) ou @roupalivre nas redes sociais).

E se, por acaso, você conseguiu esse livro por meio de cópia de uma amiga, por favor: lembre-se que foi investido tempo, carinho e também dinheiro na elaboração desse conteúdo. Então procure a gente pra realizar a compra do livro, seja nos nossos sites [www.oficinadeestilo.com.br](http://www.oficinadeestilo.com.br) e [www.roupalivre.com.br](http://www.roupalivre.com.br) ou pelos emails falecom@oficinadeestilo.com.br e mari@maripelli.com.br.

**OFICINA  
DE ESTILO**